

# **Modulações emocionais presentes no comportamento de consumo de álcool e drogas entre adolescentes escolares**

CRISTINA MEINER<sup>1</sup>  
SHEILA GONÇALVES CÂMARA<sup>2</sup>  
MARY SANDRA CARLOTTO<sup>3</sup>  
LÍLIAN DOS SANTOS PALAZZO<sup>4</sup>

## **RESUMO**

O presente estudo visou identificar a modulação emocional no continuum antes, durante e depois da realização do comportamento de consumo de álcool e outras substâncias psicoativas ilegais, com base nas respostas dos jovens sobre sua percepção ou lembrança daquele momento específico. Participaram da pesquisa jovens estudantes de terceiro ano do ensino médio, com idades entre 16 e 24 anos, do município de Canoas/RS. A amostra foi intencional, perfazendo um total de 210 alunos, dos quais 93 (44,2%) apresentaram episódio de consumo de álcool ou drogas. Somente foram considerados para este estudo, os 93 jovens que apresentaram experiência no comportamento. Os dados comparativos (antes, durante e depois) foram analisados através de Análise de Variância intra-sujeito. Em termos da variação emocional, os resultados demonstraram que a emoção de alegria aumenta durante a realização do comportamento, e a emoção de culpa, aumenta após a realização. A emoção de tristeza é a que apresenta-se alta antes da realização, diminuindo durante e aumentando depois. O dados permitem identificar alguns indicadores acerca dos motivadores, mantenedores e conseqüentes do comportamento, com vistas à prevenção do mesmo.

**Palavras-chave:** consumo de álcool, consumo de substâncias psicoativas, modulação emocional, jovens.

---

<sup>1</sup> Psicóloga formada pela ULBRA/Canoas. Bolsista PROICT/ULBRA em 2005

<sup>2</sup> Professora – Orientadora do Curso de Psicologia/ULBRA (scamara@via-rs.net)

<sup>3</sup> Professora do Curso de Psicologia/ULBRA

<sup>4</sup> Professora de Curso de Psicologia/ULBRA e do Pós-Graduação em Saúde Coletiva/ULBRA

## ABSTRACT

This study aimed to identify the emotional modulation, in the before-during-after continuum of realization of the alcohol and other illegal psychoactive substances consumption, considering the youngster's answers about their perception or remember about that specific moment. The intentional sample was composed by 210 students of last year high school level, 16 to 24 years old in Canoas/RS. Among this group, 93 (44,2%) presented experience in alcohol or another drug consumption. In this study were considered the 93 youngsters who had experience in the behavior. The comparative data (before, during and after) were analyzed by intra subject Analysis of Variance. In terms of emotional variation, the results showed that the happiness emotion rises during the behavior realization as the guilty emotion rises after the behavior realization. The emotion of sadness is the one which is high before, being lesser during and higher again after the behavior. This results allows us to identify some indicators of the motivating, maintaining and consequent variables of the alcohol and drugs consumption behavior, intending the behavior's prevention.

**Key words:** alcohol consumption, psychoactive substances consumption, emotional modulation, youngsters.

## INTRODUÇÃO

O tema da racionalidade na tomada de decisões é nosso foco de interesse. São os comportamentos de risco, realizados apesar de todas as informações de que dispomos, que indicam que nossa racionalidade vai até onde entram outros múltiplos fatores, sobre a totalidade dos quais não se tem ainda clareza total. Um dos possíveis fatores imbricados nesse processo diz respeito às emoções como variável interveniente entre a intenção e a realização de comportamentos de risco.

Pensamentos, emoções e comportamentos não são necessariamente racionais. Ao contrário, racionalmente, estes seriam avaliados quanto às suas conseqüências e utilidade, revelando seu potencial destrutivo e contraproducente. A cognição, a emoção e o comportamento são processos psicológicos interdependentes e interativos. Assim como as crenças afetam as emoções e os comportamentos de um indivíduo, é correto também pensar na maneira como os sentidos e emoções afetam profundamente as

crenças. A diferença entre pensamento racional e irracional não se deve à presença ou ausência de emoções, mas na frequência, intensidade e duração das mesmas (ELLIS, 1998).

Muitas das dificuldades com as quais nos deparamos devem-se a uma tendência inata em pensar irracionalmente. O pensamento irracional, ou as crenças tidas como irracionais são descritas a partir de suas propriedades em: distorcer a realidade, envolvendo maneiras ilógicas de avaliar a si mesmo, aos outros e ao mundo ao redor; bloquear o indivíduo no alcance de seus objetivos; criar emoções extremas que persistem, as quais causam *stress* e imobilizam; e levar a comportamentos que prejudicam a própria pessoa, os outros ou a sua vida em geral (ELLIS, 1983).

Os três níveis de pensamentos postulados por ELLIS (1983) envolvem as *regras*, as *avaliações* e as *inferências* que os indivíduos fazem dos acontecimentos de suas vidas. As inferências podem ser compreendidas como o que está acontecendo, o que pensamos que aconteceu e o que irá

acontecer. As inferências são afirmações de um determinado fato (ou no mínimo do que a pessoa pensa a respeito de um determinado fato, que pode ser verdadeiro ou falso). É verdade, portanto, que somos seres racionais, mas seria uma idealização acreditar que a racionalidade, unicamente, nos permite escolher e emitir determinados comportamentos.

Emoções e os comportamentos resultam de processos cognitivos. Assim, é possível aos indivíduos modificar tais processos, a fim de adquirir diferentes maneiras de se sentir e se comportar (DOBSON, 1988).

As emoções constituem-se também em um mecanismo regulatório dos organismos vivos com a finalidade de preservar sua sobrevivência. Assim, elas servem para identificar se o estímulo percebido favorece ou não a sobrevivência. À medida que o estímulo é percebido como favorável, o indivíduo experimenta uma emoção positiva. Se for percebido como desfavorável, a emoção será negativa (MOLTÓ-BROTTONS, 1995).

Esse processo envolve estruturas orgânicas, pois o córtex e o neocórtex estão envolvidos na elaboração das emoções. Portanto, o processo não permite um grau elevado de consciência a ponto de que um indivíduo possa expressar exatamente as emoções que sente em um momento determinado (GONZÁLEZ; BARRULL; PONS; MARTELES, 1998).

Assim, o organismo pode apresentar erros na valoração emocional. Fatores tanto internos quanto externos incidem sobre os mecanismos perceptivos e emocionais podendo distorcê-los, diminuindo sua eficácia. Nesse caso, a experiência emocional pode não estar adequada à realidade, causando danos ao organismo (indivíduo).

É o caso do consumo de álcool e drogas que são substâncias capazes de ludibriar o sistema emocional através de sensações que propiciam emoções positivas quando do consumo, embora operem como ameaças reais para o organismo. A dificuldade, nesse caso, está justamente em que as emoções podem estar determinando de forma direta o comportamento, colocando o indivíduo em uma situação de risco (GONZÁLEZ et al., 1998).

Embora toda a complexidade do processo, um aspecto comum todas as emoções é o fato de que elas são expressadas em termos quantitativos ou de intensidade e em termos qualitativos em uma escala positivo-negativo. As mudanças de intensidade podem ser bruscas ou graduais. Algumas emoções podem ser consideradas básicas, como é o caso da raiva, do desprezo, da aversão, da aflição, do medo, da culpa, do interesse, da alegria, da vergonha e da surpresa, definidas como básicas por corresponderem a padrões de reação inscritos de forma inata no aparato biológico (IZARD, 1977).

Nesse sentido, as alterações qualitativas nessas emoções em relação à execução de um determinado comportamento nos explicam os motivadores e conseqüentes, além dos efeitos imediatos no organismo, que propiciam ou mantêm esse comportamento.

A maioria das teorias que abarca o tema das emoções propõe que os adolescentes se motivam, de forma explícita ou implícita, por seus desejos de aumentar ou evitar determinados estados afetivos. Em geral, as pessoas propõem-se a determinados objetivos visando à mudança de afeto. São motivações cognitivas para a regulação dos estados afetivos que estariam embasadas em condições latentes, como expectativas ou razões e as

decisões comportamentais. Em geral, parece que os objetivos que se propõem à regulação do afeto são instrumentais nas decisões de adolescentes na realização de comportamentos de risco.

Cox e Klinger (citados em CAFFRAY; SCHNEIDER, 2000) em seus estudos sobre o consumo de álcool por adolescentes, encontraram que o álcool pode diretamente (efeitos químicos) ou indiretamente (aumentando ou inibindo incentivos não químicos) propiciar mudanças no afeto, como melhorar o humor ou reduzir a tensão. Dessa forma, uma vez que os adolescentes acreditem que a conduta de beber os fará alcançar os estados afetivos que esperam, estarão motivados para fazê-lo.

Um outro fator emocional importante no entendimento do comportamento adolescente (dentro do *continuum* motivacional que vai desde os fatores que promovem a realização até os que a desencorajam), especialmente quando estes optam por evitar ou não realizar comportamentos de risco, diz respeito ao arrependimento antecipado (CAFFRAY; SCHNEIDER, 2000).

As pessoas têm a capacidade de antecipar os sentimentos de arrependimento e auto-recriminação que seu comportamento poderá originar, de forma que podem deixar de realizá-lo em função de seu desejo de evitar as conseqüências afetivas negativas. Quanto maior for o arrependimento antecipado em relação ao resultado de uma determinada ação, maior será a probabilidade de que o indivíduo faça escolhas que lhe permitam evitar este resultado.

O padrão comportamental também faz parte do processo. Os adolescentes que já apresentaram experiência em comportamentos de risco apresentam menor capacidade de arrepender-

se antecipadamente. Possivelmente, este fato constitua-se em uma estratégia para evitar pensar sobre potenciais conseqüências negativas de seu comportamento habitual.

SANCHEZ et al. (2001) propõem que antes e durante o comportamento é mais improvável que o sujeito tenha condições de processar adequadamente a informação acerca dos resultados negativos que podem advir de suas ações a médio e longo prazo. Somente após a realização do comportamento, quando o indivíduo experiencia uma mescla de emoções positivas e negativas que geram ambivalência, é que entram em seu foco de análise considerações mais efetivas a respeito da informação de que dispõem.

As emoções avaliadas conjuntamente com as atitudes, desta forma, influem na seleção de informações que servem de base para a tomada de decisão dos sujeitos em realizar ou não um comportamento de risco, bem como em suas intenções de repeti-lo (SANCHEZ et al., 2001).

Todos os aspectos avaliados, especialmente no que se refere ao papel das emoções na realização de comportamentos de risco, têm sua importância no sentido de que possamos conhecer melhor os componentes moleculares envolvidos nas práticas arriscadas realizadas por adolescentes. Pois dessa forma, torna-se possível articular intervenções que visem a promoção da saúde da população jovem, que vem sendo a maior vítima, muitas vezes fatal, das conseqüências destas práticas.

Dessa forma, o presente estudo, analítico, de corte transversal, visou identificar o grau em que as emoções básicas de medo, tristeza, alegria raiva e culpa se apresentam em relação à execução do comportamento de consumo de álcool

e drogas, assim como a alteração em intensidade dessas emoções antes-durante e depois da execução do comportamento por adolescentes estudantes de terceiro ano de ensino médio em escolas públicas e privadas do município de Canoas/RS.

## **METODOLOGIA**

### **Contexto do estudo**

O total de escolas no município de Canoas/RS é de 132, sendo 69 municipais, 36 estaduais e 27 particulares. As escolas municipais não oferecem ensino médio. Dentre as escolas estaduais, apenas 13 oferecem ensino médio e/ou possuem terceiro ano do ensino médio; e dentre as particulares, apenas 14 oferecem ensino médio e/ou terceiro ano do ensino médio.

### **Amostra**

O instrumento foi aplicado em 210 alunos, com idades entre 15 e 24 anos. Destes, 93 (44,2%) apresentaram episódio de consumo de álcool (sentir-se bêbado ou alcoolizado) ou drogas (maconha, cocaína, anfetaminas, tranqüilizantes), 42% de escola privada e 58% de escolas públicas. A idade média dos jovens foi de 17 anos ( $dp=1,38$ ) e quanto a distribuição por sexo 50,5% eram do sexo masculino. A maioria somente estudava (68%) e morava com os pais (76,3%). Quanto à renda familiar, a média de rendimentos ficou em 2160 reais ( $dp = 1858,51$ ). Somente os 93 jovens que referiram experiência concreta de consumo de substâncias foram considerados no estudo.

### **Instrumento**

O instrumento utilizado consiste de 4 áreas: 1) Dados sócio-demográficos; 2) Condução temerária de veículos; 3) Conduta sexual sem proteção; 4) Consumo de álcool e drogas ilegais; e 5) Enfrentamento violento com agressão corporal. Para cada uma dessas áreas apresentam-se as seguintes dimensões: a) Experiência prévia do sujeito no comportamento analisado; b) Avaliação pessoal do comportamento de risco; c) Controle percebido sobre o comportamento; d) Norma social subjetiva; e) Dimensão afetiva de avaliação e dimensão afetiva de ativação; f) Intensidade da experiência emocional antes, durante e depois da realização do comportamento, avaliando as emoções de alegria, tristeza, medo, culpa, raiva e vergonha e, g) Intenção de repetir o comportamento de risco no futuro.

No presente estudo, foram avaliados os dados sócio-demográficos e o consumo de álcool e drogas ilegais, onde se avaliou a caracterização, assim como a intensidade da experiência emocional (percebida ou recordada) antes, durante e depois da realização do comportamento de consumo de álcool e drogas ilegais.

### **Procedimentos de Coleta dos Dados**

Foram realizados contatos com as escolas selecionadas, quando foi apresentado o projeto e foi obtida autorização para a realização da pesquisa junto à totalidade das turmas de terceiro ano de ensino médio de cada escola.

As aplicações grupais tiveram um tempo médio de 30 minutos, tendo sido realizadas por uma aluna bolsista e alunos participantes do

Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia – ULBRA/Canoas, devidamente treinados para a atividade.

O instrumento foi aplicado em tempo único, quando foi solicitado aos jovens que respondessem retrospectivamente acerca da intensidade de emoções básicas sentidas antes, durante e depois da realização do comportamento.

Considerando os aspectos éticos e legais na pesquisa científica, desenvolvemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os jovens tomassem conhecimento, por escrito, dos objetivos da pesquisa e assinassem, manifestando seu acordo em participar. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da ULBRA.

### **Procedimentos de análise dos dados**

Para avaliar o comportamento de consumo de álcool e drogas foram relacionados os consumos de maconha, cocaína, anfetaminas, tranqüilizantes e álcool. Em termos de substâncias que podem servir a fins terapêuticos, foram eliminados aqueles sujeitos que responderam utilizar medicação com prescrição médica (como um adendo). No caso do álcool o critério estabelecido foi a experiência de sentir-se bêbado ou alcoolizado.

Foi realizada uma análise descritiva dos dados referentes a tipos de substâncias utilizadas, frequência de consumo, último episódio de consumo e companhia durante a realização.

Para avaliar as emoções básicas (alegria, medo, tristeza, raiva e culpa) no continuum antes, durante e depois da realização do comportamento foi realizada uma comparação das

médias das emoções nos três tempos através de Análise de Variância (ANOVA) intra-sujeito.

## **RESULTADOS**

Com relação às substâncias utilizadas pelos jovens, ressalta-se o consumo elevado de álcool com 76,3% das respostas dos jovens de nossa amostra piloto. Em seguida, encontramos o consumo de maconha, com 17,2% das respostas e, em menores índices, o consumo de cocaína (3,2%), de tranqüilizantes (2,2%) e de anfetaminas (1,1%).

Identificamos, em relação à frequência de consumo, que a maioria dos jovens que realizaram o comportamento de consumo de substâncias, refere fazer uso de substâncias poucas vezes (77,4%), enquanto um percentual de 20,4% assume consumir substâncias bastante vezes e 2,2% consome muitas vezes (2,2%).

Quanto ao último episódio de consumo de drogas, identificamos um percentual elevado de sujeitos que referiram ter realizado o comportamento pela última vez há alguns meses (39,6%) e 16,5% há mais de um ano. Os que referem terem realizado o comportamento mais recentemente são os 25,3% que o fizeram há algumas semanas e os 18,7% que realizaram há alguns dias.

A fim de verificar a possível influência grupal na realização do comportamento de consumo de substância, foram relacionadas às opções: sozinho, com conhecidos, com amigos, com namorado(a) e com a família.

Nesse sentido, encontramos uma forte tendência grupal deste comportamento, sendo que a maioria (80,6%) dos jovens que realizou este

comportamento o fez com a companhia de amigos. Dos jovens que realizaram com conhecidos (6,5%), com a família (6,5%), com namorado(a) (2,2%) e sozinho (4,3%) encontramos percentuais bastante inferiores. No entanto, chama a atenção o percentual de jovens que realiza o comportamento de forma solitária, o que indica possível dependência química. Mais interessante é que o percentual de jovens que realizaram o comportamento com a família tam-

bém pode ser um indicador de que a família, de certa forma, incentiva algum tipo de consumo, o qual podemos pensar ser o de álcool, considerando o alto percentual encontrado no consumo dessa substância.

Os resultados referentes à experiência emocional dos jovens antes, durante e depois da realização do comportamento de consumo de álcool e drogas são apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1** - Experiência emocional antes, durante e depois do comportamento de consumo de drogas

	Antes		Durante		Depois		F	Sig
	Média	dp	Média	Dp	Média	dp		
Alegria	3,56 <sup>ab</sup>	2,21	4,67 <sup>a</sup>	2,36	3,51 <sup>b</sup>	2,54	7,05	0,001
Medo	1,58	1,34	1,49	1,11	1,81	1,62	1,36	0,256
Tristeza	2,20 <sup>a</sup>	1,95	1,41 <sup>b</sup>	1,13	2,02 <sup>ac</sup>	1,78	5,67	0,004
Raiva	1,53	1,26	1,33	0,95	1,31	0,98	1,23	0,291
Culpa	1,62 <sup>a</sup>	1,39	1,55 <sup>ac</sup>	1,28	2,46 <sup>b</sup>	2,05	9,07	0,000

\*1-nenhuma a 7-muito intensa

Pela Tabela 1, verificamos que as diferenças significativas entre as médias no continuum temporal ocorreram apenas das emoções de alegria ( $F=7,05$ ;  $p=0,001$ ), tristeza ( $F=5,67$ ,  $p=0,004$ ) e culpa ( $F=9,07$ ,  $p=0,000$ ).

A emoção de alegria é a única que se eleva durante a execução do comportamento ( $m=4,67$ ,  $dp=2,36$ ), voltando a estabilizar-se depois da realização com a intensidade de alegria antes da realização. A emoção de tristeza ( $m=2,20$ ,  $dp=1,95$ ) encontra-se mais elevada antes da realização do comportamentos, diminuindo durante e voltando a aumentar depois. A culpa ( $m=2,46$ ,  $dp=2,05$ ) mantém-se estável antes e durante a realização do comportamento, aumentando após.

Quanto às emoções que não apresentaram diferenças significativas em suas médias na se-

quência temporal, observamos também uma tendência que pode ser útil na compreensão do comportamento de consumo de álcool e drogas. No caso da raiva, esta, assim como a tristeza, encontra-se mais elevada antes da realização do comportamento. Pelo que podemos inferir que possa ter alguma contribuição em termos do estado emocional que estimula a realização do comportamento. Já o medo apresenta uma elevação na média após a realização do consumo de substâncias, estando, possivelmente associado à culpa.

## DISCUSSÃO

Podemos identificar a grande incidência de consumo de substâncias psicoativas em nossa amostra, impulsionado basicamente pelo consumo excessivo de álcool. Evidentemente, é pre-

ciso considerar que, em sendo o álcool uma droga aceita legalmente, sua inserção social é maior e, muitas vezes incentivada em nosso contexto.

Ao analisarmos o perfil dos jovens que consomem substâncias, identificamos o consumo prioritário de álcool e, em segundo lugar maconha, sendo que o consumo de cocaína, anfetaminas e tranqüilizantes é bastante baixo. Estes resultados não eram inesperados, uma vez que o álcool, por ser uma droga legalizada, é aceito socialmente e, em muitos casos, seu consumo é incentivado como parte de um ritual social, especialmente do mundo adulto, no qual estes adolescentes querem inserir-se.

Sabemos que o álcool é uma das substâncias utilizadas correntemente com objetivo de evitação de estados emocionais desagradáveis ou aumento de humor positivo (CAFFRAY & SCHNEIDER, 2000). Dessa forma, pode instaurar-se como uma estratégia comportamental de evitação que, transformada em hábito, pode vir a configurar-se como um estilo específico de lidar com as situações estressantes que se apresentam (RODRÍGUEZ –MARÍN & GARCÍA, 1995).

Por exemplo, sabemos que o álcool, em determinada medida, aumenta a excitação cortical e diminui a capacidade cognitiva, impedindo a realização de avaliações efetivas que pesariam na tomada de decisões em realizar ou não determinado comportamento (COX; KINGLER, citados em CAFFRAY & SCHNEIDER, 2000). Efetivamente, pessoas que se encontram sob o efeito de bebidas alcoólicas sentem-se mais invulneráveis aos vieses que podem originar-se de suas ações.

Outro aspecto a ser considerado é que a percepção do jovem em relação a modelos relevantes

ou de referência podem influir decisivamente em sua intenção, ainda que por curiosidade, de experimentar. Pode ser, ainda, que a primeira experimentação seja relevada a um rito de passagem, por realizar uma conduta legitimada, em tese, somente aos adultos ou, possivelmente a adultos se estão presentes na consolidação da norma subjetiva do jovem (AZJEN & FISHBEIN, 1980).

Mas a influência do grupo, seja em nível de percepção ou até mesmo de pressão revela-se como um fator decisivo tanto para o início como para a manutenção do comportamento.

No caso das drogas ilegais, como as demais substâncias psicoativas em nosso estudo, acreditamos que o grupo de iguais cumpra papel fundamental. Assim, acreditamos que a escolha por uma droga ou outra seja menos relevante do que o fato de serem consumidas em grupo, ainda que as drogas mais consumidas sejam aquelas que permitem compartilhamento e, possivelmente, uma situação social. O grupo de pares tem papel primordial na adolescência, oferecendo ao jovem uma série de alternativas de repertório comportamental para lidar com as novas situações. O jovem, por exemplo, que apresenta déficits em sua auto-estima e percebe sua auto-eficácia geral como baixa estará mais propenso a seguir as normas do grupo, uma vez que as atividades que este enseja, não requerem outras habilidades, senão as próprias fornecidas pelo grupo (ROBERTSON, 1992). Sentindo-se aceito, ele encontrará um ambiente favorável para desenvolver uma série de condutas associadas que aumente sua importância como membro de um determinado grupo (SCANDROLIO et al., 2002).

Ao avaliarmos as emoções básicas envolvidas no comportamento de consumo de drogas, vamos



identificar a emoção de tristeza como aquela que aparece significativamente mais elevada antes da realização, o que também ocorre, com a emoção de raiva, embora não de forma significativa. Ambas são emoções aversivas que podem impulsionar o jovem a buscar o consumo de substâncias justamente como uma forma de alívio tensional, isto é, de conversão de sentimentos avaliados como ameaçadores para o organismo em sensações agradáveis e potencialmente positivas para sua preservação (MOLTÓ-BROTONS, 1995). Frente a uma sensação aversiva para o organismo, o indivíduo passa a procurar estratégias para diminuir seus efeitos negativos. Nesse caso, de acordo com GONZÁLEZ et al. (1998), as substâncias psicoativas surgem como uma forma eficaz para a reversão do estado de ânimo inicialmente negativo, pois têm a propriedade de 'enganar' o organismo, dando uma sensação artificial de alegria.

Assim, a alegria, que encontramos relativamente baixa antes do consumo de drogas, aumenta bastante durante a realização do comportamento. Os resultados indicam um processo de equilíbrio emocional à semelhança de uma balança, o que estaria relacionado também ao processamento cognitivo do indivíduo (MARTINS, 2004). De acordo com as teorias cognitivas, deve existir congruência entre pensamentos, sentimentos e ações (MORALES, 1999; ARONSON et al., 2002; MYERS, 2000; LEÓN-RÚBIO et al., 1998). A discrepância entre estas instâncias seria causadora de sofrimento que se traduz em dissonância cognitiva (FESTINGER, 1957). No caso das emoções, tristeza e alegria são concorrentes e acarretam pensamentos e comportamentos também dissonantes.

Nesse sentido, em face da experiência de tristeza, que pode acompanhar-se de raiva, o indiví-

duo recorre a um meio artificial que lhe traz um sentimento agradável durante o consumo. A alegria volta a estabilizar-se após a realização, demonstrando que os efeitos não perduram por maior tempo, embora exista uma sensível diminuição das emoções de tristeza e raiva. No entanto, as emoções de medo e culpa apresentam elevação após a realização do comportamento, o que indica que existe uma repercussão negativa da realização do comportamento em termos emocionais (GONZÁLEZ et al. 1998).

Nesse caso, quando o efeito das substâncias passa, o organismo experimenta a realidade que acarreta um fator negativo a mais, que é o consumo de substâncias. Abrem-se, portanto, duas possibilidades: Uma de que a culpa seja um fator inibidor para a repetição do comportamento e outra, que o decorrente estado aversivo (de medo e culpa) seja um antecedente de novo comportamento de consumo.

Dessa forma, os resultados do presente estudo nos fornecem um indicador da modulação emocional presente no consumo de substâncias psicoativas por jovens. O primeiro alerta refere-se à necessidade de maior atenção para os motivadores de consumo, que se relacionam com sentimentos de tristeza e; o segundo, na potencialidade de utilização do sentimento de culpa, posteriormente à realização, como um recurso para a prevenção.

Com a finalização do estudo, a partir da ampliação da amostra e a consideração de peculiaridades como, por exemplo, a diferença entre os gêneros, pretendemos alcançar uma maior compreensão acerca dos mecanismos emocionais existentes no cotidiano dos jovens para, posteriormente, podermos traçar estratégias de prevenção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONSON, E.; WILSON, T. D.; AKERT, R. M. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: LTC Editora S. A, 2002.

AZJEN, I.; FISHBEIN, M. (Eds.). **Understanding attitudes and predicting social behavior**. New Jersey: Prentice Hall, Inc, 1980.

CAFFRAY, C. M.; SCHNEIDER, S. L. Why do they do it? Affective motivators in adolescents' decisions to participate in risk behaviours. **Cognition and Emotion**, v.14, n.4, p.543-576, 2000.

FESTINGER, L. **A theory of cognitive dissonance**. Palo Alto: Stanford University Press, 1957.

DOBSON, K. S. **Handbook of cognitive-behavioral therapies**. New York: Guilford Press, 1988.

ELLIS, A. **Una terapia breve más profunda y duradera: enfoque teórico de la terapia racional emotivo-conductual**. Barcelona: Paidós, 1998.

ELLIS, A. The philosophic implications and dangers of some popular behavior therapy technics. Em ROSENBAUM, M.; FRANKS, C. M.; JAFFE, Y. (Eds.). **Perspectives in behavior therapy in the eighties**. New York: Springer, 1983.

GONZÁLEZ, M. P et al. **Qué es la emoción?** 1998, Biopsychology.org. [www.biopsychology.org].

Acesso em 23/08/2004.

IZARD, C. E. **Human emotions**. New York: Plenum Press, 1997.

LEÓN-RÚBIO, J, M. et al. **Psicología social**. Madrid: McGraw Hill, 1998.

MARTINS, J. M. **A lógica das emoções na ciência e na vida**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOLTÓ-BROTOS, J. **Psicología de las emociones: entre la biología y la cultura**. Valencia: Albatros, 1995.

MORALES, J. F. **Psicología social**. Madrid: McGraw Hill, 1999.

MYERS, D. G. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A, 2000.

ROBERTSON, J. M. Homeless and runaway youths: a review of the literature. In: ROBERTSON; M. J.; GREENBLATT, E.M. (Eds.). **Homelessness: A national perspective**. New York: Plenum Press, 1992. p.297-297.

RODRÍGUEZ-MARÍN, J.; GARCÍA, J. A. Estilo de vida y salud. In: LATORRE, J.M. (Ed.). **Ciencias psicossociales aplicadas II**. Madrid: Síntesis, 1995. p.25-34.

SÁNCHEZ, F. et al. Sexual risk behavior and emotional experience. **Revue Internationale de Psychologie Sociale**, v.14, n. 3, p.7-20, 2001.

SCANDROLIO, B. et al. Violencia grupal juvenil: una revisión crítica. **Psicotema**, v.4, p.6-15, 2002.